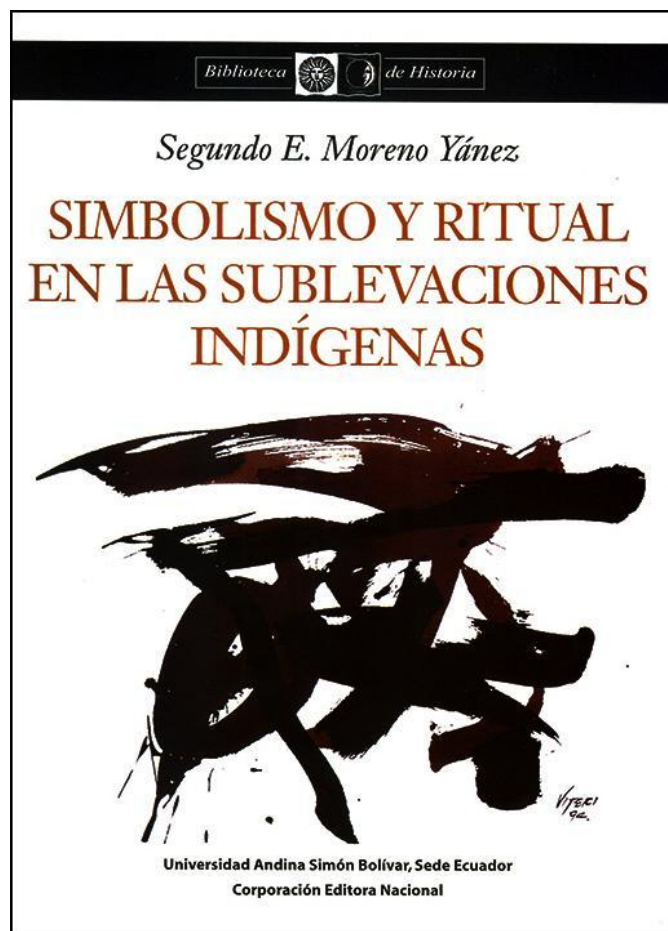


Simbolismo e ritual indígena nas sublevações na Audiencia de Quito

Sabrina Ramos Cornélio¹

MORENO YÁNEZ, Segundo E. Simbolismo y ritual en las sublevaciones indígenas. Quito: Corporación Editora Nacional, Universidad Andina Simón Bolívar, 2017, 174 p.



O antropólogo e historiador equatoriano, Segundo E. Moreno Yáñez, nasceu em Quito, no ano de 1939, formou-se em Humanidades Clássicas e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) do

¹ Universidade Federal de Viçosa. E-mail: sabrinaramoscornelio@gmail.com.

Equador. Possui ampla experiência acadêmica, trabalhou como pesquisador na Universidade de Murcia, na Espanha, na Universidade de Bonn, na Alemanha, e como professor de Antropologia da Religião na PUC-Ecuador e na Universidad Andina Simón Bolívar (UASB). Escreveu diversas obras, como *Alzamientos indígenas en la Audiencia de Quito, 1534-1803* (1987), *Simbolismo y ritual en las sublevaciones indígenas* (2017), *Religiones aborígenes en Andinoamérica Ecuatorial* (2018), além de artigos sobre a religiosidade e revoltas indígenas no período colonial na América Andina. É reconhecido por seu relevante papel no campo do Patrimônio cultural e intercultural equatoriano e também nos estudos sobre movimentos indígenas na América Latina. A obra *Simbolismo y ritual en las sublevaciones indígenas* foi publicada, em 2017, pela UASB é resultado de uma ampla pesquisa que se iniciou no seu pós-doutorado na Alemanha, em 1976.

Moreno Yáñez apresenta a importância da investigação das práticas mágico-religiosas e ritualística² dos indígenas da América Andina³ e a sua relação com os movimentos de contestação da dominação colonial, fazendo uma correlação com as práticas de guerra, sacrifício e rituais mágico-religiosos andinos. Nesse sentido, Moreno Yáñez aponta que durante um longo tempo as pesquisas sobre a “cristandade colonial”⁴ tinham como enfoque o processo de cristianização dos indígenas, desestruturação de cosmologias sob a perspectiva de desaparecimento e integração dos povos indígenas a sociedade colonial e capitalista. Isso gerou, de acordo com o autor, limitações no campo desses estudos, visto que mesmo diante do

² Moreno Yáñez (2017) descreveu como as práticas mágico-religiosas e ritualística os ritos cerimoniais para guerra e pós-guerra, como preparação dos guerreiros, seus instrumentos de guerra, consumo da *chicha*, rituais adivinhatórios, sacrifícios e passagem (morte).

³ O autor tem como local de análise principal o estado colonial espanhol na região administrativa da Real Audiência de Quito atual Equador (MORENO YÁNEZ, 2017, p.7).

⁴ Um sistema religioso fundamentado em relações de dominação e dependência (MORENO YÁNEZ, 2017, p. 7).

violento processo de desestruturação social e cosmológico indígena, causados pela colonização, a cristianização não foi um acontecimento absoluto. Nessa perspectiva, o autor argumenta que o processo de imposição da religião cristã, sucedeu no processo em que as práticas cerimoniais indígenas foram incorporadas sobre o signo da cultura popular. Desse modo, diversas práticas mágico-religiosas indígenas permaneceram, como os cantos de guerra indígena, oferendas e sacrifícios expressados sobre o signo do sincretismo.

Nos treze capítulos que compõem a obra, Moreno Yáñez, analisa como essas práticas-mágico-religiosas foram ritualizadas consciente ou inconscientemente, e como estavam presentes nos movimentos subversivos durante o período colonial. As fontes de pesquisa utilizadas foram de cronistas dos séculos XVI, XVII e XVIII, documentos administrativos coloniais de arquivos do Equador e Alemanha, registros arqueológicos, iconográficos e outras bibliografias. Assim, no primeiro capítulo intitulado *Guerras sagradas y exigências sacrificiales*, o autor debruça-se sobre a essência guerreira de divindades de culturas ao redor do mundo como a judaica, grega, egípcia, nórdica, mesoamericana e andina demonstrando como a função guerreira era considerada sagrada para esses povos. Dessa forma, destaca como a função guerreira e o sacrifício tinham importância nessas sociedades para manutenção da ordem social e da expressão ritualística com anuência divina, considerando assim a guerra e os sacrifícios atos sagrados.

No segundo capítulo, intitulado "*Desarrollo y fragilidad del Estado Inca*" o autor aborda a consolidação e queda do império Incaico e, assim, a importância das práticas de guerra e sacrifício consideradas atos sagrados dando ênfase as linhagens dos governantes incas - *panacas*. Nos capítulos seguintes, o autor analisa o calendário agrícola e ritual andino e os períodos de estabelecimento

da ordem e de crise, percebendo que os momentos subversivos tendem a ocorrer nos períodos de crise, sendo esse período correspondente no calendário europeu ao “ciclo do carnaval”.

Ao investigar a importância dos xamãs, bruxos e outras funções para coesão social e sua relação para resolução de conflitos sociais, é possível notar que os xamãs possuíam função mágico-religiosa, mas também desenvolviam funções políticas no reestabelecimento da ordem social em períodos de crise. Outro ponto analisado por Moreno Yáñez (2017) são as práticas ritualísticas em que os objetos inseridos como armas de guerra e pedras, o consumo de plantas e bebidas alucinógenas como *ayahuasca* e *chicha*⁵ eram utilizados para adivinhação e cura possuindo função ritualística. Assim, no capítulo “*Fiestas y comidas rituales*”, o historiador percebe como as festas e o consumo *Chicha*, que nesses momentos de festividades propiciavam encontros, iniciavam movimentos de revolta, sendo também um momento de catarse social expressando os conflitos existentes.

No capítulo “*El papel ritual de la mujer*” o autor buscou explorar a partir de relatos míticos e fontes administrativas o protagonismo das mulheres nessas sociedades indígenas. Um exemplo é a função feminina nos mitos fundacionais a partir da análise das *huacas* ancestrais da *Mama Huaco* e *Mama Ocllo Coya*, demonstrando como a linhagem feminina importava para a manutenção dos laços de reciprocidade entre os *ayllus* durante o período incaico. Interessante observar como a participação de mulheres indígenas e mestiças em movimentos de sublevação contra a ordem colonial ocorriam ao organizar e comandar rebeliões, e como as punições a essas mulheres eram realizadas se tornando possível compreender como o papel das

⁵ Ayahuasca bebida preparada a partir de plantas alucinógenas nativas da América do Sul consumida por povos indígenas da região Amazônica. Chicha bebida fermentada preparada a partir de cereais como milho consumida pelos povos indígenas da América Andina em rituais e cerimônias.

mulheres entrava em conflito com os ideais de feminino impostos a partir do arquétipo feminino cristão dos espanhóis.

O livro *Simbolismo y ritual en las sublevaciones indígenas* busca problematizar, nesse sentido, como os indígenas reconstituíram sua religiosidade durante o processo de colonização e como as guerras sagradas e sacrifícios foram reinseridos nos movimentos subversivos, sendo possível analisar nos conflitos coloniais a presença de práticas ritualísticas de combate inseridas nesses movimentos. Além disso, o autor demonstrou por meio da análise de cronistas e fontes administrativas como as sociedades andinas eram orais e como a função do símbolo como unificação da conduta possibilita acessar todo um conjunto de ideias, sentimentos, histórias e ações. Portanto, o uso de símbolos mágico-religiosos incaico em movimentos subversivos, principalmente no período colonial, eram frequentemente acionados com a função de acessar/comunicar/compartilhar essa memória histórica como resistência consciente e inconsciente, e externar os conflitos sociais existentes em decorrência da colonização.

Considero a obra muito instigante para a compreensão de diversas formas de religiosidades, símbolos e conflitos sociais do mundo andino, suas práticas e seus significados ao longo das transformações e ressignificações históricas. Ao ressaltar a importância dos ritos festivos e o consumo *Chicha* que podiam propiciar momento de organização política, expressão de conflitos e de catarse social, o autor quebra com as narrativas históricas tradicionais que invisibilizavam as ações das mulheres indígenas contra a colonização, além de problematizar como os indígenas reconstituíram sua religiosidade durante o processo de colonização, e como as guerras sagradas e sacrifícios estavam correlacionados aos movimentos subversivos.

Por fim, ressalto que a leitura dessa obra exige do leitor conhecimento prévio sobre a cosmologia do mundo andino, a estrutura do Império Incaico e a história política do Equador, sendo recomendado a leitura de outras obras do autor como o livro *“Sublevaciones en la Audiencia de Quito: Desde comienzos del siglo XVIII hasta finales de la Colonia (2014)”* para compreender a discussão sobre simbolismo e movimentos de contestação que o autor apresenta nesse livro. Dessa forma, esse trabalho procurou compreender como o subconsciente coletivo andino agiu nos movimentos de contestação da dominação colonial, a sacralidade da função guerreira para muitos desses povos, assim como na legitimação dos governantes e a manutenção de sua dominação.

Referências bibliográficas

EQUADOR. Ministério de Cultura e Patrimônio. Segundo E. Moreno Yánez: Antropólogo. Quito-Ecuador, [s.d]. Disponível em: <https://www.culturaypatrimonio.gob.ec/segundo-e-moreno-yanez/>
Acesso em: 14 de mar. de 2023

MORENO YÁNEZ, Segundo E. Alzamientos indígenas en la Audiencia de Quito, 1534-1803. Quito: Abya-Ayla, 1987.

MORENO YÁNEZ, Segundo E. Sublevaciones en la Audiencia de Quito: Desde comienzos del siglo XVIII hasta finales de la Colonia. Quito: Corporación Editora Nacional, Universidad Andina Simón Bolívar, 2014.

MORENO YÁNEZ, Segundo E. Simbolismo y ritual en las sublevaciones indígenas. Quito: Corporación Editora Nacional, Universidad Andina Simón Bolívar, 2017, 174p.

MORENO YÁNEZ, Segundo E. Religiones aborígenes en Andinoamérica Ecuatorial. Alemanha: Sankt Augustin, Anthropos Institut, 2018.